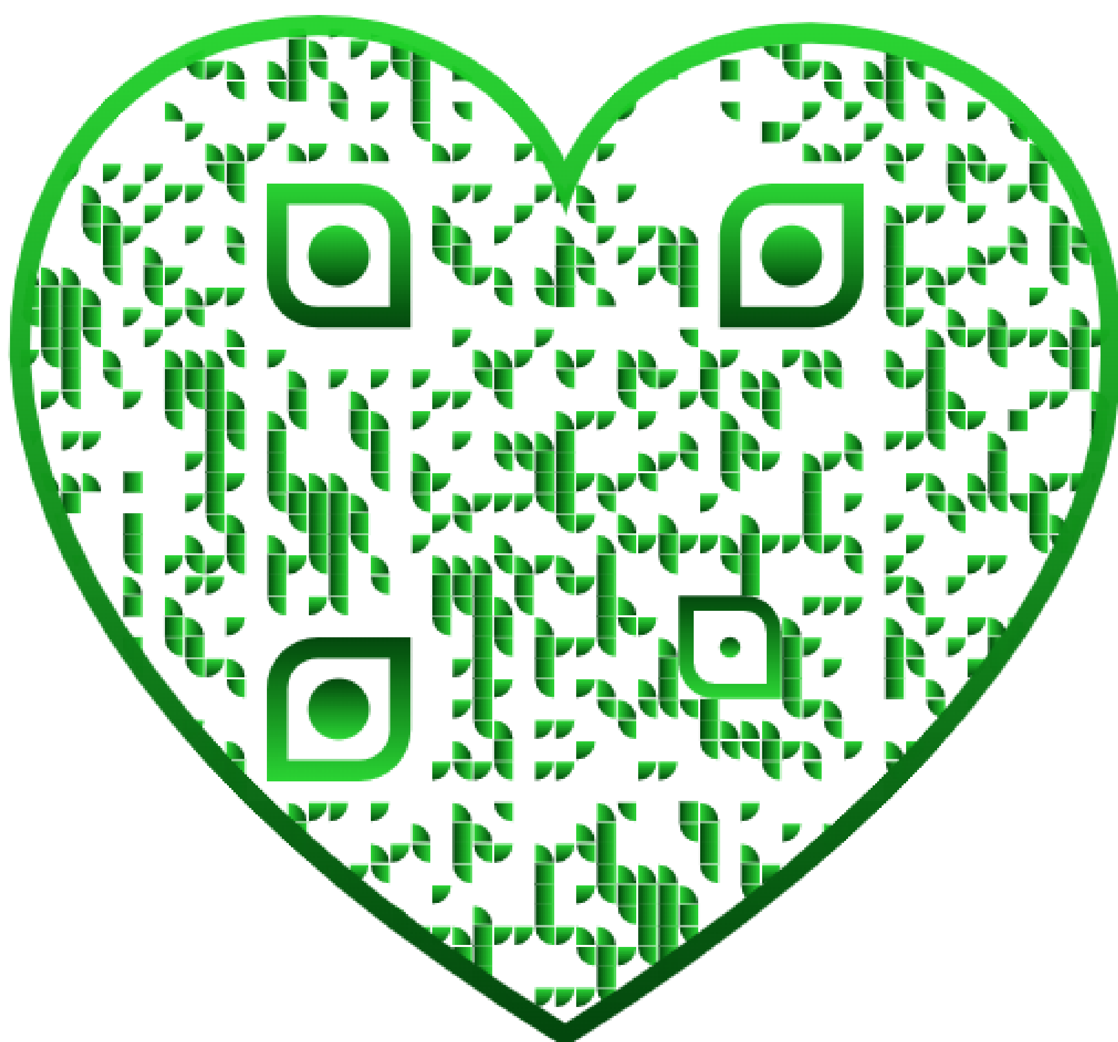
RETRATO DE UMA DOADORA

A HISTÓRIA DE UMA STARTER



LISSA PRICE





Sumário

Capa

Sumário

Folha de Rosto

Folha de Créditos

Início

LEIA: Starters e Enders

Sobre a autora

RETRATO DE UMA DOADORA

A HISTÓRIA DE UMA STARTER

Conto



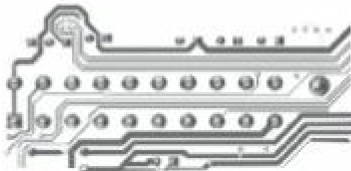
RETRATO DE UMA DOADORA



Rua Dr. Hugo Fortes, 1885 — Parque Industrial Lagoinha

14095-260 — Ribeirão Preto — SP

www.editoranovoconceito.com.br



Odeio inspetores, com seus ZipTasers e pistolas, mas não tenho escolha a não ser me sentar e ficar de frente para um deles. Esse parece ter uns 100 ou 150 anos. Seu cabelo branco é cortado bem curto, e, como a maioria dos inspetores, ele é musculoso. Eu me sento em uma das cadeiras da escrivaninha branca e elegante do escritório de Doris na Prime Destinations. Ela nunca mais vai entrar nele. A partir de hoje, a empresa de aluguel de corpos vai encerrar suas operações.

Será que isso é bom? Não sei. Mas não depende de mim. Sou apenas uma Starter, uma entre vários doadores de corpos, e, agora, estou desempregada.

O inspetor concentra sua atenção na aerotela, concluindo as anotações que fez sobre o depoimento do último doador. Estou usando um vestido de tecido holográfico num tom que fica entre o prata e o esverdeado — quem o escolheu foi Doris, não eu —, e meu traseiro está quase congelando. Tudo está focado na aparência, tudo é sensual e reluzente. Meus cabelos longos e negros foram alisados à perfeição, mas minha maquiagem — mais pesada do que eu gostaria que fosse — deve estar borrada. Já passa das 10 horas da noite e estou exausta. O que mais quero é sair do meio desse caos. Todas as pessoas que já tiveram algum tipo de ligação com o banco de corpos estão aqui esta noite, a noite em que a Prime fechou as portas.

Viro à esquerda e vejo o próximo Starter que será interrogado. Ele aguarda sua vez nervoso, chutando a soleira da porta com o sapato. É um garoto de aparência indiana, com olhos ardentes e intensos, quase bonitos demais para se encaixarem num rosto masculino. Trocamos um olhar, e, por um segundo, o medo desaparece do rosto dele e o garoto abre um meio sorriso.

— Declare seu nome e idade. — A voz autoritária do inspetor faz com que meus músculos se enrijeçam.

Inspetores. Quero dar o fora daqui. Se pudesse sair correndo, faria exatamente isso, mas o lugar está cheio deles. Eles odeiam todos os Starters, especialmente aqueles que não têm a pele bem branca. Percebo a mudança nos olhos deles assim que veem a cor da minha pele. Chamo isso de “detector de negros”.

— Briona Johnson. Dezesseis anos.

— E você era uma das funcionárias da Prime Destinations?

— Não. Apenas uma doadora.

Ele está tentando me enganar. Fazer com que eu admita que trabalhava para eles, de modo que possa me trancafiar em algum lugar.

Ele aperta os olhos.

— Mas você recebeu dinheiro da empresa, não foi?

— Não. Eles iam me dar uma compensação porque ofereci meu corpo voluntariamente. — Sorrio e me esforço para não parecer presunçosa.

— Então, você recebeu dinheiro — diz ele, sem qualquer medo de parecer presunçoso.

— Está vendo algum dinheiro nas minhas mãos? — Mostro-lhe as palmas. — Vocês estão fechando este lugar. Quem vai entregar o dinheiro que ganhei com meu trabalho duro, com meu suor? A minha... compensação.

Ele se inclina para frente.

— Você estava dormindo, menina. Eu adoraria ganhar dinheiro para dormir.

Queria que ele tivesse noção das lembranças que eu revivo a cada dia. Lembranças do que minha doadora fez em meu corpo. Segredos. Mentiras. Armas.

Mas não pretendo contar nada para ele. Eles já algemaram Doris — ela é a funcionária da PD que usou meu corpo. Não quero dar nenhum motivo para me colocarem atrás das grades também.

Eles sempre encontram um jeito de culpar os Starters.

Ouço um barulho do lado de fora do escritório. Eu me viro e vejo que o garoto indiano ainda está esperando, com os braços cruzados. Ele desvia o olhar, fingindo que não está escutando. Logo atrás dele, está a origem do ruído. Inquilinos Enders passam pela porta, escoltados pelos inspetores. Será que vão prendê-los? Duvido. Não estavam trabalhando para a PD, estavam apenas usando seus serviços. Além disso, são velhos e ricos. Os que sofrem sempre são os Starters como eu.

— Você tem um guardião legal? — O inspetor toca sua aerotela e depois olha fixamente para mim.

— Sim. Minha avó.

Faço questão de devolver o olhar duro. Faz a mentira parecer mais convincente.

— Qual é o endereço dela?

Hesito. Faz meses desde que respondi a essa pergunta pela última vez. Eu tinha um endereço falso memorizado, mas não consigo me lembrar dele agora. O que posso dizer?

Alguma coisa atrai a atenção do inspetor. Um outro inspetor, mais magro, está sob o batente da porta.

— Precisamos andar logo com essa fila — diz o mais magro. — Caso contrário, ficaremos aqui até o Natal.

— Tudo bem. — O inspetor que está perto de mim toca em sua aerotela mais uma vez. — Está

dispensada. — Ele passa um tubo de metal sobre a parte inferior do meu pulso e imprime uma letra “I” com um microspray preto. Estou marcada. — A tinta sairá dentro de um dia. Se precisarmos de você, saberemos onde encontrá-la.

Saio dali o mais rápido possível, sem correr. Se você corre, eles usam o ZipTaser para detê-lo. É o instinto deles.

O garoto indiano se endireita. Digo a mim mesma que não vou olhar para ele. Mas passo ao seu lado e, é claro, olho diretamente naqueles olhos. Ele devolve o olhar como se quisesse me dizer alguma coisa, mas não agora. Não enquanto os inspetores o estão esperando.

— Próximo — diz o inspetor que está sentado.

O garoto indiano não se move. Pode ser devido ao medo que sente do inspetor, mas prefiro pensar que ele não consegue se desvencilhar de minha bela aparência.

— Agora! — grita o inspetor.

O indiano revira os olhos em um gesto de despedida e entra na sala. O Starter que está atrás dele, um garoto asiático, avança um passo. Tenho a impressão de que me reconhece, mas não faço ideia de quem ele seja.

— Espere lá fora — diz o rapaz asiático para mim. — Quero conversar.

O corredor está abarrotado com a fila dos Starters doadores, enquanto os inquilinos Enders passam por eles. Fico presa em meio aos Enders que saem da Prime e não conseguiria ficar parada ali, mesmo que quisesse.

— Por quê? — grito em resposta.

— Eu conheço você — diz ele.

Por cima das cabeças dos Enders, olho para ele enquanto sou forçada a continuar andando. Ele é lindo. Todos os doadores são. Mesmo assim, se o conhecesse, acho que me lembraria. Estou pronta para achar que foi só uma paquera quando uma lembrança surge em minha mente.

> *Ele olha para mim. Estamos em uma danceteria. Estou sentada em uma poltrona com almofadas altas naquele lugar elegante — ao redor de uma mesa de centro. Ele está sentado de frente para mim. Ao nosso lado, está o garoto indiano. Ele chama o asiático de Lee, e Lee o chama de Raj.*
>
> *Estão falando sobre segredos e mentiras. Como temos que agir discretamente, não podemos cometer deslizes, para que a garota não perceba quem realmente somos. Que garota?*
>
> *Logo depois, sigo o olhar de Lee e vejo uma Starter, que se aproxima e senta-se na última poltrona. Ela está usando um vestido reluzente; obviamente, é outra doadora, a julgar por sua pele perfeita e seus cabelos longos e brilhantes. Deve haver um inquilino dentro dela, mas ela não age como os outros inquilinos. Está nervosa, cautelosa. Apresenta-se como Callie. Os dois rapazes abrem sorrisos enormes para ela. Eu faço o mesmo. Tenho a nítida sensação de que estou mentindo. Começo a tamborilar os dedos. Sei quem tem esse hábito: Doris. Sou Doris, usando o meu corpo.*

Pisco e a lembrança se esvai. A multidão de Enders me levou até o final do corredor, longe do olhar de Lee. Nós nos espalhamos pelo saguão, que está abarrotado com mais pessoas — doadores, inquilinos, inspetores.

Doris ainda está no mesmo lugar onde a vi antes do depoimento com o inspetor: apoiada contra uma parede com os pulsos algemados às suas costas. Olho ao redor e vejo outros funcionários da Prime: Tinnenbaum, o representante principal, e Rodney, o motorista e guarda-costas. Eles também estão algemados e de cara amarrada.

E finalmente a vejo. A doadora que aparece em minhas lembranças: Callie. Está conversando com um Ender de terno, provavelmente um investigador. Ela percebe que eu a observo. Vejo uma infinidade de expressões em seu rosto. No início, ela me reconhece e parece ficar irritada. Em seguida, afasta essa ideia, como se estivesse errada. Ou como se estivesse se acalmando; sei lá. Será que eu deveria ir conversar com ela? Não. Ela já voltou a concentrar sua atenção no investigador.

Fico no meio do saguão, completamente confusa. Por que estou tendo essas lembranças? Elas não me pertencem. Eu estava dormindo no banco de corpos enquanto Doris usava o meu corpo. Ninguém me explicou que ela era minha inquilina; percebi isso depois de alguns *flashbacks*. Mas eles vêm em fragmentos, em lampejos, sem qualquer motivo.

Preciso sair daqui. Vou na direção da porta.

Em vez do porteiro da Prime, há um inspetor em frente à saída.

— Já foi interrogada? — ele me pergunta.

Ergo o braço e lhe mostro o “I” impresso em meu pulso. Ele faz um sinal afirmativo com a cabeça e destranca a porta para que eu, finalmente, saia daquele lugar horrível.

Sinto o ar frio da noite e vejo que várias viaturas dos inspetores estão estacionadas em frente ao prédio. Meu coração começa a bater mais rápido. Receio que ver o carro de um inspetor vá causar esse efeito em mim pelo resto da minha vida. Mas todas as viaturas estão vazias; estão todos dentro do banco de corpos.

É tarde, as ruas estão desertas. Se houvesse um Starter por aqui, as viaturas dos inspetores os fariam desaparecer bem rápido. Todas as lojas estão fechadas, mas alguns restaurantes estão abertos.

Lee disse que eu deveria esperá-lo. Suas palavras ainda ecoam em minha cabeça. *Eu conheço você*.

Uma pequena cafeteria do outro lado da rua está com as luzes acesas.

Vou andando até lá. Pelo canto do olho, percebo que um homem me observa. Viro-me para ver se o reconheço. É um Ender alto, musculoso, com uma tatuagem na lateral do pescoço. Um animal? É a cabeça de um leopardo. A única impressão que consigo ter dele é a imagem perene de um predador — a tatuagem, sua postura agressiva, seus cabelos longos, brancos e armados como se fossem uma juba.

Aperto o passo até chegar à cafeteria. Quando tento abrir a porta, ela está trancada. Bato no vidro com força, mas a Ender solitária ali dentro está usando fones de ouvido enquanto limpa o balcão.

Ouço passos atrás de mim. Eu me viro, me preparando para lutar. O homem com a tatuagem de leopardo está a cerca de três metros de distância. Ele para, olha para mim, analisa sua presa. Alguém grita atrás dele.

É o garoto indiano. Raj.

— Deixe-a em paz! — grita Raj. — Caia fora daqui!

O Ender recua, olhando para Raj e depois para mim. Seus lábios se erguem em um sorriso torto. Ele parece estar calculando se consegue dominar nós dois. Planto os dois pés no chão com firmeza e fecho os punhos.

— Somos jovens, somos rápidos e há dois de nós aqui — digo.

Raj enfia as mãos nos bolsos de seu casaco. Ele aponta um dos bolsos para o Ender, como se tivesse uma arma escondida.

O homem tatuado ergue um pouco as mãos, como se demonstrasse sua rendição.

— Não se preocupem. Estou indo embora. — Ele tem um leve sotaque, mas não consigo identificar sua origem. — Talvez numa próxima oportunidade — diz o homem tatuado.

Não se eu puder evitar. Raj e eu o observamos enquanto ele se afasta.

— Você não está armado — digo a Raj, por entre os dentes.

— Não. É apenas um dedo que finge ser um revólver.

Vejo o suor se formar em sua testa. Ele está fazendo graça agora, mas também estava com medo. Do outro lado da rua, a luz reflete nas portas altas e brilhantes da Prime Destinations quando elas se abrem. Olho para o logotipo com as letras "PD" nas portas e sinto meu coração bater. Achei que aquele lugar seria a minha salvação, mas não passava de uma piada de mau gosto. Eles eram os meus donos. Estou indo embora esta noite, mas será que estou livre de verdade?

Lee sai do prédio e olha ao redor, até nos ver.



Raj conhece um bar no alto de um prédio que não pediria nossa identificação. Estou sentada com ele e Lee ao redor de uma lareira, tomando água mineral com gás. Um *déjà vu* que traz imagens daquela noite na danceteria. Descobrimos que Raj tem dinheiro. Ele não assinou o contrato com o banco de corpos porque era pobre; assinou para ganhar uma cirurgia plástica no nariz.

— Meus avós não me deixariam fazer a cirurgia — diz Raj. — Eles poderiam bancá-la sem problemas, mas são muito antiquados.

— Tenho certeza de que os meus também não teriam problemas financeiros — diz Lee. — Mas eles morreram. Não quiseram tomar a vacina.

— Por que não? — perguntou Raj.

— Porque estavam com medo — digo.

— Os seus também? — Lee pergunta.

Faço que sim com a cabeça. Minha avó tinha certeza de que a vacina a mataria. Não confiava no governo. Quem poderia culpá-la?

Fico imaginando se Raj tem uma casa; e também onde vou dormir esta noite.

— Bem, você disse que se lembrava de mim — digo a Lee. Ele baixa os olhos.

— De vez em quando, umas lembranças surgem na minha cabeça.

— Acontece com todos nós — diz Raj. — Do que você se lembra?

— De coisas assustadoras. Coisas estranhas. Não entendo. — Lee coloca a cabeça nas mãos por um momento. — Eu me lembro... — Ele ergue a cabeça. — ... de uma queda enorme. Como se eu estivesse no céu, caindo, e o chão se aproximasse, ficando cada vez mais perto. Até que, no momento em que vou me chocar com o chão, paro de cair.

Essa história me soa familiar, o corpo dele caindo. Acho que vi isso.

— Sim. Você fez isso — diz Raj. — E quer saber de uma coisa? Você fez isso só para se divertir.

— Está falando sério? Não pode ser — diz Lee.

— Você tem sorte de seu corpo ainda ter dois braços e duas pernas — diz Raj, apontando para Lee.

Começamos a juntar pedaços de nossas lembranças, cada um contribuindo com uma parte do quebra-cabeça até conseguirmos formar uma imagem completa. Chegamos à parte da conspiração.

— Então, você era Doris — diz Lee, apontando para mim. — E você era...

— Rodney — diz Raj.

— Quem é Rodney? — pergunta Lee.

— O motorista da Prime. E o guarda-costas, também. E você era Tinnenbaum — afirmo, olhando para Lee.

— Sim, que pior! — diz Lee.

— Como assim? — pergunto.

— Ele estava envolvido com umas coisas muito ruins. — Lee balança a cabeça negativamente. — Coisas muito, muito ruins.

— O quê?

Lee esfrega os braços por um momento, e depois fica imóvel.

— Eu me lembro de que mandei alguém na Prime matar um dos inquilinos.

Raj e eu olhamos para Lee. Ele engole em seco com tanta força que vejo seu pomo-de-adão se mexer.

— Qual deles? — pergunta Raj.

— Não sei. — Lee nos observa com olhos assustados.

— Não foi você. — Estendo a mão para tocá-lo. Para acalmá-lo.

A expressão em seu rosto... ele sabe que não é o culpado, mas ainda não assimilou a situação. Seus olhos se enchem de lágrimas.

— Sim. Mas eu me lembro de tudo. E era o meu corpo.

— Quer dizer que os três Enders da Prime, Doris, Rodney e Tinnenbaum, usaram nossos corpos para espionar os doadores? — pergunta Raj.

— Não todos os doadores — digo. — Somente uma.

— Eu me lembro dela — diz Lee. — Disse que seu nome era Callie.

— Passamos algum tempo com ela — digo, me lembrando. — Dirigimos pela cidade...

— Saímos correndo com ela do Music Center — diz Raj.

— E a perseguimos — diz Lee.

— Ela escapou.

— Ela está bem — digo. — Eu a vi na Prime hoje.

— Está ficando tarde. — Raj paga a conta. — Acho que é melhor eu ir para casa.

Então, ele tem uma casa. Olho para Lee.

— E você, vai para algum lugar?

Ele dá de ombros.

— Saí de um dos melhores prédios abandonados que existem. Achei que, quando meu contrato com a Prime terminasse, eu seria um Starter rico.

— Eu também.

Éramos as vítimas daquela ambição. Arrisquei minha vida em troca de um pagamento que garantiria minha sobrevivência. E, no final das contas... não ganhei nada.

— Quer dizer que vocês não têm para onde ir? — pergunta Raj.

Além de não termos para onde ir, também não tínhamos dinheiro. Indicamos que não, em silêncio. Prendo a respiração para ver o que ele vai dizer em seguida.



Raj chama um táxi e nos leva para sua casa em Westwood. Fico aliviada por não ter que encontrar algum lugar abandonado e vazio para ficar a essa hora da noite. Duvido que conseguisse encarar outro prédio abandonado de escritórios depois de tudo o que aconteceu esta noite. Esperava que a casa de Raj fosse discreta, mas engulo em seco quando vejo o bairro e o tamanho das casas. A casa de Raj não é apenas a maior da rua, mas é uma megamansão.

— O que seus avós vão dizer? — pergunto enquanto ele paga o motorista do táxi.

— Vou abrir a porta dos fundos para vocês — diz ele.

Lee e eu esperamos Raj sair do táxi. Sou mais alta do que Lee, especialmente com os saltos enormes que Doris escolheu. Olhamos para a mansão de Raj. Tem dois andares e é ladeada por uma cerca ornamental de ferro. Subitamente, me sinto pequena e insignificante. Não pertenço a esse lugar. Sinto um calafrio. Deve ser por causa da brisa noturna gelada.

Raj sai do táxi e destranca um portão lateral. Ele nos acompanha até os fundos da casa e para ao lado da entrada.

— Esperem aqui — sussurra ele.

Lee e eu ficamos ali, ao lado da cerca que circunda a piscina e o alpendre.

— Está sentindo esse cheiro? — sussurro para Lee. Ele inspira fundo.

— Não. Que cheiro?

— Cheiro de dinheiro — digo.

Lee sorri. As finanças da minha família nunca foram muito boas. O diploma de professora da minha mãe não valia nada quando ela se mudou para a Califórnia, após se casar com meu pai. Depois que se divorciaram, ele nunca pagou um centavo da pensão alimentícia. Minha mãe e eu ficamos à nossa própria sorte. Tudo o que comprávamos era genérico. Pessoas como Raj nunca precisam decidir entre um produto de uma marca famosa e outro que vem numa caixa branca e sem graça.

A porta dos fundos se abre e Raj faz um gesto para entrarmos. Lee estende a mão num gesto que indica "as damas primeiro". Reviro os olhos e entro na casa.

Raj sussurra para nós enquanto nos leva para o outro corredor.

— Meus avós saíram.

— Então por que você está sussurrando?

— Porque. Porque os empregados estão dormindo.

Esse rapaz é muito colonial.

Ele nos leva até uma das primeiras portas, que se abre para uma imensa sala de televisão com poltronas de cinema forradas em veludo vermelho e instaladas de frente para a tela. Pequenos holofotes são as únicas fontes de luz e tornam o espaço dramático.

— Isso é lindo — diz Lee, aos cochichos.

— E também é à prova de som — diz Raj. — Os empregados não têm permissão para entrar aqui, então, fiquem à vontade.

Ele abre os armários acima e abaixo de um balcão ao lado de uma pia. Há todo tipo de guloseima que se possa imaginar: pipoca, doces, biscoitos e salgadinhos. A geladeira está repleta de bebidas e o *freezer* está abarrotado de embalagens de sorvete, iogurte aerado e bananas congeladas. No balcão, há uma cafeteira para preparar café *espresso* e um *mixer* para fazer *smoothies*.

Raj senta-se em uma das poltronas e a reclina.

— Para dormir, é só apertar aqui.

Percebo que há um banheiro em uma das portas laterais.

— Quer tomar um banho? Há toalhas lá — diz Raj. — Temos até uma banheira de hidromassagem. — Raj pega cobertores em outros armários e os entrega a nós. — Precisam de mais alguma coisa?

Lee e eu trocamos um olhar e negamos com a cabeça.

— Não, de mais nada — diz Lee.

— A única coisa que peço a vocês é que fiquem na sala, certo? Não saiam daqui. Venho vê-los amanhã de manhã. — Ele olha para um relógio projetado na parede. Já são quase 2 horas da manhã. — Bem, talvez no final da manhã.

Ele nos deixa. Deslizo a mão pelo encosto da poltrona mais próxima. Muito confortável.

— O que vamos comer primeiro? — Vou até o balcão onde está a comida. — Pipoca? Sorvete?

Lee não responde. Eu me viro e vejo que ele está deitado em uma das poltronas, totalmente reclinado, sem cobertor. Parece que adormeceu assim que se sentou. Pego a cadeira mais próxima, tiro os sapatos de salto e me preparo para fazer o mesmo.



Pela manhã, alguém me chama várias vezes. Abro os olhos e vejo o rosto bonito de Raj olhando para mim. Sorrindo. Retribuo o sorriso.

— Dorminhoca. Hora de acordar — diz ele.

Ele aperta o botão que faz com que minha cama volte a se transformar em uma poltrona. Percebo que está usando uma jaqueta, como se estivesse pronto para sair.

— Onde está Lee? — pergunto.

— No chuveiro. Trouxe roupas limpas para vocês. — Ele aponta para dois montinhos de roupa sobre uma das cadeiras. — Olhe, preciso ir a um lugar, mas daqui a pouco estou de volta.

Quase pergunto aonde ele está indo, mas me lembro de que ele está nos fazendo um favor enorme, oferecendo sua casa para que possamos dormir. Decido não bancar a bisbilhoteira.

— Claro. Não tem problema.

Ele brinca com as chaves do carro, jogando-as de uma mão para a outra.

— Vocês podem ficar por aqui e brincar com os hologames. — Ele caminha em direção à porta.

— Raj?

Ele para e vira para trás. Parece estar um pouco aborrecido.

— O que foi?

— Acho que ontem estávamos cansados demais para dizer obrigado. Por tudo.

— Não tem problema. — Ele sorri. — Até daqui a pouco.

Depois que ele sai, examino as roupas para ver se servirão em mim. Ele escolheu um vestido bonito e uma jaqueta. Será que tem uma irmã? Visto as roupas e elas me servem perfeitamente. Lee sai do banheiro.

— Está linda. Onde conseguiu isso?

— Papai Noel passou por aqui. — Aponto para as calças e o blusão que estão na poltrona. — Ele deixou essas aí para você.

Lee pega suas roupas.

— Casimira. Que beleza! Onde ele está?

— Saiu. Disse que volta logo.

Lee coloca as roupas de volta sobre a cadeira e balança a cabeça.

— O que houve? — pergunto.

— Estava pensando sobre as nossas lembranças durante o banho. E o tempo que passamos dormindo no banco de corpos.

— No que você pensou?

— Doris e Tinnenbaum, e poxa, até mesmo Rodney, tinham que ser eles mesmos às vezes. Se não fosse assim, não poderiam cumprir com suas obrigações. Mas eu não me lembro de acordar até que tudo tivesse terminado.

— Você tem razão.

— Então, quem estava ocupando nossos corpos quando eles não podiam?

Boa pergunta. Nenhum de nós tinha qualquer memória que não estivesse ligada àqueles três.

— Talvez outra pessoa da Prime? — Tento adivinhar. — Algum assistente?

— Talvez alguém que estivesse apenas ocupando os lugares que eles deixaram vagos. Para nos manter ali. Como uma babá.

— Alguém para vigiar os corpos. Olhando para as paredes ou lendo revistas.

Há vários períodos sem qualquer registro. O que foi que eu fiz? Será que algum dia saberei? E se eu nunca me lembrar de tudo?

— É de enlouquecer — afirmo com tristeza. — Tentar descobrir tudo o que se fez.

— Já estou enlouquecendo.

Pego os controles dos aparelhos eletrônicos e coloco um jogo para rodar. É um jogo de imersão onde você caminha pelo antigo Egito, exibido no meio da sala, no espaço circular em formato de palco ao redor do qual as poltronas estão instaladas.

Lee vai até o banheiro para se trocar enquanto eu entro em uma pirâmide. Ele sai com as roupas novas e fica ao lado de uma das cadeiras.

— Quem é que está lindo agora? — pergunto. Ele olha para algum ponto indefinido na sala, perdido em pensamentos. — Você ainda está pensando no que aconteceu?

— Não estou preocupado com o que aconteceu. Estou muito preocupado com o que pode acontecer agora. Ainda estamos com esses *chips* na cabeça. Como saberemos que ninguém vai usá-los?

— O banco de corpos foi fechado.

— Você acha que o Velho não criou um plano B?

Aquela ideia me atinge como um soco no estômago durante uma briga com algum renegado. Continuo jogando em silêncio, explorando as profundezas do interior da pirâmide. Lee vai até o armário de comida e volta com uma tigela enorme e cheia de doces de vários tipos. Após algum

tempo, ele entra no jogo comigo e vamos à caça de uma estatueta de ouro no formato de um gato.

Depois de algum tempo, a porta se abre. Ficamos paralisados até constatarmos que é Raj.

— Voltei para salvar vocês — diz Raj.

— Por que você está dizendo isso? — pergunta Lee enquanto coloca uma bala de goma em formato de alienígena na boca.

Raj gentilmente tira a tigela de doces da mão de Lee e a coloca sobre o balcão.

— Isso vai estragar seus dentes. Vou levá-los para passear.



Entro no carro esportivo e elegante de Raj. Estou sentada ao lado dele, perto o bastante para sentir seu perfume adocicado. Parece cheiro de amêndoas. É bom estar com pessoas limpas e não com gente suja amontoada em prédios abandonados, como era costumeiro para mim. Aperto um botão e um espelho para retocar a maquiagem surge de uma ranhura no teto. Confiro meu rosto e vejo o reflexo de Lee atrás dele. Ele está no banco traseiro, com uma expressão azeda no rosto. Sei o que ele está sentindo. Ele tem inveja do que Raj tem. Do carro, da casa e de todo aquele dinheiro. É difícil não sentir isso. Raj tem tantos recursos.

Quanto tempo ele vai nos deixar ficar em sua casa? Não queremos perguntar, e talvez ele não saiba a resposta. Talvez seus avós voltem para casa e sejamos expulsos de lá.

Aperto o botão novamente e o espelho desaparece. Raj olha para mim e sorri. Será que ele gostaria de uma garota como eu?

Talvez. Mas não por muito tempo, provavelmente. Tenho certeza de que seus pais indianos teriam um chilique quando vissem que a minha pele é mais escura que a deles.

É melhor curtir o momento enquanto ele durar.



Raj entra no estacionamento de um restaurante que não parece ser um lugar para se tomar café da manhã. Há poucos carros.

Ao entrarmos, vemos que o lugar está vazio. Não há clientes, nem garçons, nem música.

— Está cedo — diz Raj, olhando para o relógio.

Ainda são 11 horas da manhã. O restaurante deve ser caro, tem o piso revestido com enormes placas de mármore. Talvez seja uma imitação. Uvas holográficas imitam as frutas verdadeiras, penduradas no teto de treliça.

— Venham comigo — diz Raj enquanto anda pelo salão. Hesitamos.

— Acho que o restaurante ainda não abriu — digo.

— Está tudo bem — diz ele, fazendo um gesto para que o sigamos. — Eu conheço o dono.

Meus saltos ecoam no piso e ele nos leva até uma sala privativa aconchegante, com painéis de carvalho revestindo as paredes e uma estante de vinhos. Uma mesa grande enche o lugar.

— Sentem-se — diz Raj.

Ele nos entrega cardápios grandes, forrados com tecido. Os cardápios não mencionam os pratos do almoço, apenas os do jantar. Lee parece desconfortável em sua cadeira. Raj está com a cabeça enfiada no menu.

Três Enders vestindo terno e gravata entram em nossa sala. Não estão sorrindo. E fecham a porta logo depois de entrarem. A atmosfera do lugar fica tensa. Meu coração acelera. Isso não está certo.

A expressão de Raj muda com uma velocidade incrível, como naquela brincadeira em que você passa a mão na frente do rosto e o sorriso se transforma em uma expressão séria. Ele é uma pessoa diferente agora. Totalmente profissional.

Um dos Enders, um homem baixo e atarracado, aponta para mim.

— Achei que seria uma loura.

— Eu nunca disse isso. — Raj se defende e se levanta.

Lee e eu também nos levantamos. Tento empurrar minha cadeira para escapar, mas um dos Enders a segura firme no lugar. Outro Ender está atrás da cadeira de Lee.

Raj fica ao meu lado. Para me ajudar?

— Ela é bonita. — Raj tira minha jaqueta, parando quando as mangas chegam aos pulsos. — Sinta o quanto essa pele é macia.

Quero morrer.

O Ender mais baixo se aproxima e ergue as mãos com desejo em direção ao meu braço nu. Estou presa ali, a jaqueta ao redor dos pulsos.

— Toque em mim e eu mato você — digo em tom de ameaça.

Os olhos dele se arregalam. Ele afasta a mão e recua. Volto a me cobrir com a jaqueta. Ele sussurra algo no ouvido de Raj.

Lee e eu trocamos um olhar.

— Que cheiro é esse? — ele me pergunta.

— Dinheiro — digo. Raj nos vendeu.

— Não — diz Lee. — É o fedor da traição.

Ele bate com o cotovelo no pescoço do Ender que está atrás dele. Em seguida, pisa no encosto da cadeira e ela cai sobre o Ender, que leva as mãos à garganta e geme de dor.

Empurro minha cadeira contra o Ender que está atrás de mim, mas ele se esquiva e prende meus braços. Raj e o Ender careca agarram Lee, enquanto o primeiro Ender se recupera do golpe no pescoço.

Lee tentou, mas estamos em menor número. Os Enders nos algemam.

— Desculpem, amigos. Não é nada pessoal — diz Raj. Ele olha para mim. — Em outra época,

em outro lugar, as coisas poderiam ter sido diferentes.

— Você mentiu para nós — digo. — Fingiu que ia nos ajudar, mas passou o tempo todo planejando nos vender como escravos.

— Você não precisa de dinheiro — diz Lee. — Você já é podre de rico.

— Meus avós são ricos, mas eu, não. — Raj se vira para o Ender mais alto. — São seus.

— Vocês não vão me querer — digo enquanto luto contra o Ender, meus cabelos se agitando por todos os lados. — Ninguém vai querer meu corpo. Vou cortar o meu rosto. Farei de tudo para que ninguém queira me alugar.

O Ender mais baixo sorri enquanto agarra meu queixo com uma das mãos e acaricia meu rosto com a outra.

— Não se preocupe. Vamos garantir que você esteja protegida de si mesma.

Os Enders nos puxam para a porta.

— Esperem — diz Raj. — Ninguém me pagou ainda. Eu lhes trouxe dois doadores.

O primeiro Ender coloca algemas nos pulsos de Raj.

— Você quer dizer *três* doadores.

— Não! Não foi isso o que combinamos! — grita Raj.

Olho para Raj e quase abro um sorriso. Mas o impulso desaparece rapidamente quando percebo que estou presa agora, e para sempre. Não consegui nem mesmo um dia inteiro de liberdade.



No dia seguinte, em uma mansão com vista para o mar.

Não consigo parar de olhar para meu novo rosto, o rosto de Briona. É lindo.

Cruzo essas pernas longas e atléticas, e me inclino para frente para me olhar no espelho. Nem quando eu era pequena minha pele foi tão bonita. As maçãs do rosto são bastante pronunciadas. Lábios carnudos e orgulhosos, como se estivessem inchados após beijarem muito.

Quem eu era? Uma Ender velha, mas isso não importa. Sou Briona agora. Olho para o rosto dela — *meu* rosto — no espelho. Esses olhos atraentes. Essa pele de ébano com um brilho especial. Deslizo a mão pelo rosto e depois pelo pescoço, pelo ombro, pelo braço, até chegar ao dorso da mão. Tão macia. Tão jovem. Valeu cada centavo.

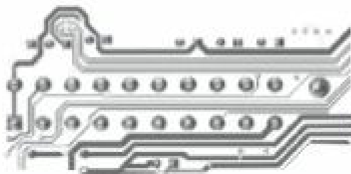


NÃO CONFIE EM NINGUÉM.

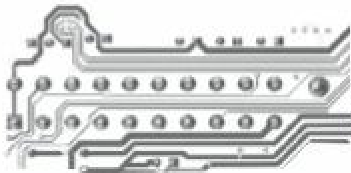
Se você curtiu esta história especial do mundo de *Starters*, leia o livro *Enders*, de Lissa Price.

Callie está pronta para lutar pela verdade, mesmo se tiver que pagar por isso com a própria vida. Aqui está uma amostra do que o aguarda.

LISSA PRICE é uma autora *best-seller* premiada internacionalmente, cujo livro de estreia, *Starters*, foi publicado em mais de trinta países. Siga @Lissa_Price no Twitter e visite seu site em LissaPrice.com



Enders, lançamento de fevereiro (2014) é o livro de encerramento da série publicada em mais de 30 países, com direitos vendidos para o cinema e que foi a maior revelação fantástica na Bienal de São Paulo em 2012 com o primeiro livro, Starters.



Callie perdeu os pais quando a Guerra dos Esporos varreu todas as pessoas entre 20 e 60 anos. Ela e seu irmão mais novo, Tyler, estão se virando, vivendo como desabrigados com seu amigo Michael e lutando contra rebeldes que os matariam por uma bolacha.

A única esperança de Callie é a Prime Destinations, um lugar perturbador em Berverly Hills que abriga uma misteriosa figura conhecida como o Velho. Ele contrata adolescentes para alugar seus corpos aos Enders — idosos que desejam ser jovens novamente. Desesperada pelo dinheiro, Callie concorda em ser uma doadora. Mas o neurochip que colocam nela está com defeito e ela acorda na vida de sua locadora, morando em uma mansão, dirigindo seus carros e saindo com o

neto de um senador.

É apenas o começo de uma série de mentiras e intrigas que farão Callie e aqueles que amam arriscarem a própria vida ao se colocarem contra o sistema.

